

A ESCOLHA DA HABILITAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: A INFLUÊNCIA DA IMAGEM CORPORAL.

ANDRÉ GONÇALVES DIAS, Esp.
UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO
ANGELO LUIS DE SOUZA VARGAS, Dr. (Orientador)
PROCIMH-RJ
UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO
RIO DE JANEIRO/RJ, BRASIL
andregondias@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A formação dos profissionais de Educação Física tem avançado por força das mudanças sociais, nos últimos anos. Até bem pouco tempo, os cursos superiores formavam professores de Educação Física que tinham como objetivo maior a atuação docente, ou mesmo uma adaptação a outras funções, para as quais não haviam sido preparados. Com o tempo e as exigências específicas de atividades físicas diferenciadas, criou-se o Curso de Bacharelado, formando técnicos para atendimento a essa demanda.

Historicamente a Educação Física tinha suas ações vinculadas à imagem do profissional atleta, alguém que além de praticar algum esporte tinha a imagem ligada à profissão. Atualmente, esse procedimento foi superado, na medida em que a técnica deve prevalecer sobre a aparência ou mesmo sobre o porte do profissional, contudo, ainda há os que escolhem a profissão por conta de gostar de algum esporte, por valorizar atividades físicas ligadas à auto-imagem, ou não como ocorre com aqueles que mesmo desejando tornar-se um profissional, seja um treinador ou instrutor, considera que sua imagem não combina com este tipo de intervenção. Um fator importante que atravessa a escolha do profissional da área de Educação Física no contexto histórico pós-moderno é a influência da mídia na formação do ideário do corpo perfeito, fato que se dá pela força das imagens de corpos belos, saudáveis, ideais.

O presente estudo, ao focar como tema das análises no campo da formação do profissional de Educação Física a influência da imagem corporal na escolha profissional, tenta discutir essa questão com base em revisão bibliográfica.

A imagem corporal como construção sócio-histórica

O mundo contemporâneo, ao valorizar a aparência, leva em conta o padrão estético que a cultura cultua como ideal. Nesse sentido, a mídia, a família, os amigos condicionam os indivíduos a se exercitar, a cuidar de seus corpos, direcionando de forma intencional os desejos, hábitos, cuidados e até mesmo, as representações de descontentamento com o próprio corpo. (DAMASCENO et al, 2005). Segundo La Plantine e Trindade (2003) imagens são construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores. O homem produz imagens porque as informações envolvidas no pensamento são percebidas.

A imagem corporal é vista como uma construção multidimensional que descreve amplamente as representações internas da estrutura corporal e da aparência física, em relação à imagem que cada pessoa tem de si e a que os outros têm. São muitos os fatores que, segundo Crach e Pruzinski (1990), influenciam o processo de formação da imagem corporal, tais como sexo, idade, meios de comunicação, assim como a relação do corpo com os processos cognitivos como crença, valores, atitudes, inseridos em uma determinada cultura.

A partir dos anos 60, o padrão feminino de ideal corporal passou a ser a magreza, divulgado pelas modelos e socialmente cultivado pelas pessoas e pela mídia. Voracek e Fisher (2002), acompanhando a tendência do ideal de magreza feminina apresentaram as

modificações dos padrões antropométricos das mulheres fotografadas pela Revista *Playboy* durante as últimas décadas. Por intermédio de um estudo descritivo, eles conseguiram apontar evidências de uma tendência de revisão de valores do índice de massa corporal (IMC) e o aumento de cintura/quadril (ICQ), demonstrando linearidade corporal.

No caso dos homens, estudos realizados por McCreary e Sasse (2000) apontaram para o fato de que jovens na faixa etária de 18 anos gostariam de ter corpos mais musculosos do que o atual. Essas análises revelam que as raízes históricas sobre as concepções de corpo nos levam a compreender de forma mais consistente padronizações existentes na forma de pensamento a respeito do corpo belo e resistente às ações do tempo, e assim, traçamos nossos caminhos com o que foi inscrito nessa mesma história (MEDINA, 1991).

O corpo

A idade média tem início com a divisão do Império Romano e nesses tempos a instituição que resistiu a invasão bárbara fortifica-se e surge o homem que só é encorajado a conquistas da vida celestial, desfazendo totalmente dos valores e coisas materiais. A Educação, monopólio da Igreja, é conceituada como sinônimo de disciplina, onde os castigos corporais são um reflexo do autoritarismo e um empecilho par a ação pedagógica (OLIVEIRA, 1996).

Somente no século XIV com o Renascimento, que pode se denominar como um movimento intelectual, estético e social que se sobrepôs à estrutura feudal do início do século, redescobriu-se a individualidade, o espírito crítico e o desejo pela liberdade, retornando assim com o humanismo, a valorização do belo e resgatando a importância do corpo (OLIVEIRA, 1996).

As inscrições e determinações sociais a respeito dos padrões estéticos, nos séculos XVII e XVIII, se mostram nas exigências de um corpo ereto, contido e imóvel, através da utilização de espartilhos e aparelhos de sustentação, que na época seriam demonstração de nobreza e civilidade (ALBUQUERQUE, 2001).

Já no século XIX os historiadores indicam a ênfase na identidade corporal sobre a influência da popularização da fotografia e da utilização do espelho, aumentando a valorização das dimensões corporais (SILVA, 1999).

O interesse pelas pinturas de corpo inteiro e pelos retratos colabora também para identificação do sujeito com o seu corpo (SILVA, citando CORBE apud PERROT, 1991).

Outros estereótipos são caracterizados na segunda metade do século XIX com o intuito de delinear grupos humanos. Paul Broca, através de medições, principalmente do crânio, determina a inferioridade intelectual e social da raça negra, que indica como incapaz de ascender à civilização, enquanto os brancos, com cabelos lisos e rosto reto fazem parte de uma escala humana mais elevada (SILVA, citado por BROCA apud GOLD 1999, p.76).

Neste mesmo momento coexiste a idéia de impor gestos e posturas adequadas às exigências sociais, a imagem e o uso do corpo são dependentes das relações de domínio e estreitamente subordinadas às necessidades sócio- econômicas (CORBIN apud PERROT, 1991, P.607).

Com o advento da sociedade industrial, seguindo esses mesmos interesses, o corpo do operário deveria ser moldado para atender a nova ordem. Ordem disciplinar que é denominada por Perrot (1988, p.53), citada por Silva de três formas, que construiriam uma nova corporeidade:

“A era do olhar, marcada por todas as formas de fiscalização; a disciplina fabril como resultado de uma organização administrativa; e a ciência do trabalho que tem no corpo um objeto de estudo e maximização do rendimento”.

Os limites sociais e psicológicos são então estruturados pela escola, que através da ginástica, onde os códigos gestuais e boas maneiras são cobrados, enfatizam a necessidade do corpo reto e rígido (VIGARELLO, 1978, p.9).

O grande avanço científico e tecnológico não nos garante a conquista da liberdade, uma vez que os aparelhos ideológicos comandam e padronizam os estereótipos das concepções de corpo, de acordo com as necessidades do mundo do consumo (MEDINA, 1991).

Socialização e imagem corporal

A mídia, a família e os amigos condicionam os indivíduos a se exercitar, a cuidar de seus corpos, direcionando-os a desejos, hábitos, cuidados e descontentamentos com a aparência visual do corpo (DAMASCENO *et al*, 2005 apud BLOWERS *et al*, 2003). A imagem corporal é uma construção multidimensional que descreve amplamente as representações internas da estrutura corporal e da aparência física, em relação a nós mesmos e aos outros (DAMASCENO *et al*, 2005 apud CRASH, PRUZINSKI, 1990). O processo de formação da imagem corporal pode ser influenciado pelo sexo, idade, meios de comunicação, bem como pela relação do corpo com os processos cognitivos como crença, valores e atitudes inseridos em uma cultura.

Alguns autores consideram existir forte tendência cultural em considerar a magreza como uma situação ideal de aceitação social para mulheres. Encontram-se, também, fortes correlações entre a pressão social de ser magro e a insatisfação corporal em mulheres adultas jovens (DAMASCENO *et al*, 2005). Acompanhando a tendência do ideal de magreza feminina, Voracek e Fisher (2002) apresentaram as modificações dos padrões antropométricos das mulheres que foram fotografadas na revista Playboy durante as últimas décadas. Através de um estudo descritivo, evidenciou-se uma tendência de redução nos valores do índice de massa corporal (IMC) e aumento da relação cintura/quadril (ICQ), demonstrando uma tendência de linearidade corporal. Por outro lado, para os homens, ocorre a tendência de se acatar, como ideal, um corpo mais forte ou mais volumoso. Reforçando esta afirmativa, Cohane e Pope Jr. (2001) citam o estudo de McCreary e Sasse (2000), realizado com 96 jovens, média de idade de 18 anos, que queriam ser mais pesados e musculosos em relação ao seu corpo atual. Em ambos os casos, homens e mulheres direcionam suas atitudes em relação a seus corpos no sentido de atender às pressões culturais da sociedade na qual estão inseridos.

A busca incessante por uma melhor aparência física dos praticantes de atividade física é um fenômeno sociocultural muitas vezes mais significativo do que a própria satisfação econômica, afetiva ou profissional (DAMASCENO *et al*, 2005 apud NOVAES, 2001). A insatisfação com o próprio corpo, ou melhor, com a imagem que se tem dele, talvez seja um dos motivos principais que levem as pessoas a iniciar um programa de atividade física. É possível que o grau de insatisfação com a imagem corporal influencie o modo como adultos jovens se percebem em termos da relação massa corporal, percentual de gordura (G%) e estatura. A insatisfação corporal está diretamente relacionada com a exposição de corpos bonitos pela mídia e tem determinado, nas últimas décadas, uma compulsão a buscar a anatomia ideal (DAMASCENO *et al*, 2005). Apesar de existirem valores de IMC e G% adequados para a manutenção da saúde, o tipo físico idealizado pelos indivíduos é determinado culturalmente, parecendo existir um tipo físico ideal que as pessoas que praticam atividade física buscam alcançar.

Padrão estético e saúde

Nos últimos anos, o "culto ao corpo" se tornou uma preocupação geral que atinge as mais diferentes classes sociais, faixas etárias e setores da sociedade em geral. Revistas e jornais dedicam cada vez mais espaço para as novidades no setor de cosmético, alimentação e cirurgia plástica. Na televisão, modelos perfeitos surgem durante toda a programação e nos intervalos comerciais, "vendendo" fórmulas de sucesso. O que se observa são jovens, adultos, homens e mulheres cujos corpos seguem um mesmo padrão: corpos esguios, músculos à

mostra e abdômens moldados nas clínicas de cirurgias plásticas e academias de ginásticas espalhadas por todo o país (MELO, 2008).

Apesar das conseqüências que a busca pelo belo pode causar, cada vez mais pessoas procuram esse modelo. Contudo, isso pode ser considerado uma afronta a sua forma natural. Dessa maneira, a indústria frenética da estética procria suas armas e lança a cada dia novos silicones, cremes, cirurgias, anabolizantes e o conflito individual passa a ser o maior gerador de mercado para a exploração capitalista na disputa feroz da beleza (HÉRCULES e SILVA, 2005).

Nas academias de ginástica, calçadões e clubes são explícitas a exposição e a busca de um corpo padrão presente na mídia: saudável e belo. Essa realidade é reflexa de programas de televisão, internet, revistas masculinas e femininas que criam a cada dia um estereótipo do “corpo em forma”. Corpo que propaga “saúde” e beleza padrão, vende um ideal “atingível” por meio de atividade física, dieta, lipoaspiração, implante de silicone etc. Daí, o crescimento quantitativo de academias de ginástica, produtos dietéticos e cirurgias plásticas. A saúde, revestida no discurso da beleza, ludibria as pessoas tornando-as compulsivas, muitas vezes. Elas “correm” para a atividade física, pois aí está a *salvação*, como foi no século XIX. O pior é que o efeito pode ser contrário! O encontro com profissionais de Educação Física costuma reforçar o mesmo discurso de controle do corpo na relação: atividade física e saúde/beleza (COSTA E VENÂNCIO, 2004).

Como permanecer jovem, atlético ou retardar o envelhecimento numa sociedade de culto ao corpo? A indagação gera uma necessidade de encontrar meios como resposta e que, ao mesmo tempo, rompam com as limitações do corpo. Esse sentimento acontece juntamente com a valorização atribuída aos produtos e às técnicas para “ser ou ter” um corpo belo. Além disso, corpos “sarados, turbinados” (termos vigentes na mídia como sinônimos de saúde e beleza) promovidos com os discursos da atividade física e saúde interessam à economia, ao padrão moral e ao discurso científico de cada época. Interessa também, eticamente, aos profissionais de Educação Física, estejam eles nas academias de ginástica, clubes ou escolas (COSTA E VENÂNCIO, 2004). Refletir as relações entre saúde e Educação Física significa pensar o corpo na cultura desses tempos complexos, cujos valores revelam a existência de fragmentação e não de uma concepção estética capaz de resgatar o humano.

A imagem corporal na relação profissional

A pós-modernidade, esse espaço-tempo caracterizado pela fragmentação, descontinuidade, valorização do aparente, consumismo, entre outras tantas características valorizou o sucesso ligado à imagem corporal. No caso específico da Educação Física, o corpo sarado como pseudo sinônimo de saúde passou a interferir na escolha profissional.

Jovens estudantes que frequentam as academias ou realizam algum esporte, segundo estatísticas oficiais fazem a opção pela Educação Física. Conforme sinaliza Braga (1995), nada mais fazem do que retomar a concepção clássica do herói grego, que chega ao Ocidente personificado no mito, endeusado pelos desejos consumistas do corpo ideal.

O jovem que almeja ser um personal trainer faz parte dessa nova Educação Física que na teia capitalista faz das academias o sonho de consumo de homens e mulheres na luta contra a natureza, muitas vezes se violentando e alterando seu metabolismo interno. Por outro lado, as universidades estão atualmente repletas de estudantes que não atentam para a importância do “ser” como conceito central das Ciências Humanas e condição para a construção do sujeito verdadeiramente saudável.

Porém, nesses tempos em que a imagem vale mais que a palavra, a vocação, a saúde como bem estar e qualidade de vida, de acordo com Sant’Anna (2001) “há uma necessidade inconsciente, involuntária de escapar do peso do corpo” (p. 19). A auto-rejeição como um fenômeno psíquico e que faz com que as pessoas busquem o “padrão em voga”. Freud (1934) explica esse fenômeno quando fala do “estranho”, que pela via inconsciente traz de volta os recalques e tudo mais que foi reprimido desde a infância.

A escolha da profissão no mundo pós-moderno está ligada a imagem que o sujeito projeta em nível inconsciente e que forja a concepção do “eu ideal”, reforçada pelo poder instrumental das mídias, que como uma “serpente que encanta”, faz da metáfora um estilo de vida. Por outro lado, como confirma Hall (2003), a identidade dos sujeitos passa a ser forjada de fora para dentro, viabilizada pelos padrões consumistas.

Nesse sentido, é cada vez maior o número de jovens que almejam tornar-se profissionais da Educação Física para manterem-se “sarados” e com isso formarem uma imagem corporal dentro dos padrões do corpo ideal, mesmo que muitas vezes à custa de exercícios pesados, anabolizantes e uma pseudo-visão de saúde.

Conclusão

As questões de natureza ética relacionadas à profissão do professor de Educação Física e o bacharel em Educação Física, levam naturalmente às discussões acerca da escolha da profissão, sobretudo quando a formação profissional apresenta uma visão dupla, que separa os próprios profissionais da área/disciplina, como se houvesse uma fragmentação no tocante à articulação teoria e prática.

A intenção das análises deste artigo foi revelar a relação entre a escolha da Educação Física como campo profissional e a auto-imagem, como fator que influencia a opção pela carreira, sobretudo quando o foco é o bacharelado.

As questões discutidas ao longo da revisão da literatura apontam para algumas formulações conclusivas, ou seja, o fato do padrão estético imposto na contemporaneidade influenciar a auto-imagem corporal. Outro ponto refere-se à tese de que o corpo definido, sarado do profissional apresentar-se como pré-condição de sucesso profissional. Por fim a questão de natureza ideológica, relacionando a atividade física não mais à saúde do corpo, mas sim ao padrão estético da moda.

Essas reflexões são importantes no sentido de gerar a necessidade de um maior aprofundamento sobre este tema instigante, tão importante na pós-modernidade, espaço-tempo que tem na imagem corporal um de seus ícones.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, L. M. B. As invenções do corpo: modernidade e contra modernidade. Revista Motriz, vol.7 2001.

BRAGA, Humberto. Quatro grandes mitos humanos IN BOECHAT, Walter (org.) Mitos e arquétipos do homem contemporâneo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

COSTA, E. M. B. E VENÂNCIO, S. Atividade física e saúde: Discursos que controlam o corpo. Pensar a Prática 7(1): 59-74, Mar. 2004.

DAMASCENO. V. O.; LIMA. J. R.; VIANNA. J. M.; VIANNA. V. R. A.; NOVAES. J. S. Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de caminhada. Revista brasileira de medicina no esporte - vol.11, nº 3, maio/junho, 2005.

HALL, Stuart. A identidade cultural pós-moderna. 8ª edição. Rio de Janeiro: D P e A, 2003.

HÉRCULES, E. D. E SILVA, M. M. Percepções sobre o corpo feminino: um estudo com as subjetividades das acadêmicas de um curso de Educação Física. Pensar a prática, Vol. 8, nº. 2, 2005.

LA PLANTINI, F. e TRINDADE, L. O que é imaginário? São Paulo: Brasiliense, 1997.

MEDINA, J. P. S. O brasileiro e seu corpo: A educação política do corpo. 3ª edição. Campinas/SP. Papirus, 1991.

MELO, Victor Andrade. História da Educação Física e do esporte no Brasil: Panorama e perspectivas. São Paulo: Ibrasa, 1999.

NOVAES, A. (org.) O olhar. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

OLIVEIRA, V. M. Consenso e conflito da Educação Física brasileira. Campinas/SP. Papirus, 1994.

SILVA, A. M. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. Caderno CEDES, 1999.

VIGARELLO, G. in: SOARES, C. Corpo e História (org.). Campinas/SP, 2002.

R. Tenente Coronel Cardoso.872, BL.2,304
Bairro: Centro
CEP:28035-042